

**A imprecisão da informação na sociedade algoritmizada:
Análise sobre a percepção de fatos nas mídias digitais**

***The inaccuracy of information in algorithmic society:
Analysis of the perception of facts in digital media***

Paulo César Castro

Professor da ECO-UFRJ e vice-coordenador do PPGCI pelo IBICT e ECO-UFRJ.

Wallace Thimoteo da Silva

Mestrando em Ciência da Informação pelo IBICT e ECO-UFRJ.

Resumo

A crise informacional contemporânea tem como principal cenário a mediação tecnológica nos processos sociais de obtenção do conhecimento e de participação no discurso público. É neste sentido que se aponta vivenciarmos uma sociedade algoritmizada, cujas atuais formas de pesquisar, compreender e refletir os contornos da informação são baseadas em regimes de verdade muitas vezes organizados em lógicas matemáticas. Pretende-se demonstrar, a partir da análise de conteúdo do material levantado pelo inquérito de 2019 do Poder Legislativo brasileiro sobre notícias falsas e campanhas de desinformação nos últimos anos, que a percepção dos fatos da realidade através das mídias digitais tem como elemento principal a imprecisão da informação.

Palavras-chave: *Cibercultura; Comunicação; Ética em Informação; Sociedade Contemporânea; Tecnologias Digitais.*

Abstract

The contemporary informational crisis has as main scenario the technological mediation in the social processes of obtaining knowledge and participating in public discourse. It is in this sense that we aim to experience an algorithmic society, whose current ways of researching, understanding and reflecting the contours of information are based on regimes of truth often organized in mathematical logic. It is intended to demonstrate, based on the content analysis of the material raised by the 2019 Brazilian Legislative Inquiry on false news and disinformation campaigns in recent years, that the perception of the facts of reality through digital media has as its main element the inaccuracy of information.

Keywords: *Communication; Contemporary Society; Cyberculture; Digital Technologies; Information Ethics.*

1 Introdução

A crise informacional contemporânea, acentuada sobretudo no início do século XXI, tem repercutido diversas consequências no âmbito das organizações, das instituições sociais e no modo que os indivíduos percebem os dados da realidade. Os casos de *Fake News*¹, de profunda polarização política-ideológica, de alienação informacional sob a condição de “câmaras de eco” ou “bolhas de filtros” nas redes sociais digitais etc. apresentam-se com potencial de colocar em risco não apenas as liberdades individuais, como também a própria representação política e o espaço público da imprensa. Por muito tempo, defendeu-se a democratização pela mídia, mas foi preciso entender que tipo de poder esta concede ao meio social e suas especificidades, afinal as novas tecnologias propõem a transformação das formas tradicionais de sociabilização, mudando a percepção do mundo a uma outra condição antropológica (SODRÉ, 2010).

Esta conjuntura sociotécnica, atravessada pelo fenômeno globalizado das tecnologias da informação e comunicação, abre caminhos para novas possibilidades de construção da realidade por implicar sobre as representações da corporeidade e sobre a propriocepção, muitas vezes, decorrentes de razões algorítmicas nos motores de busca, filtros de informação, interfaces com organização inteligente etc. A lógica de processamento matemático de conteúdos neste sentido pode ser pensada como uma nova ferramenta do conhecimento e do discurso público, à medida que tratam dos elementos da vida e do social de maneira culturalmente inteligível. Significa dizer que um algoritmo é como “uma máquina de cultura: ela opera dentro e fora da barreira reflexiva da computabilidade efetiva, produzindo cultura em um nível macrossocial, ao mesmo tempo em que produz objetos culturais, processos e experiências” (FINN, 2017, p. 34, tradução nossa).

Diante deste cenário contemporâneo, que se emprega a definição de uma “sociedade algoritimizada”, designando com isso um fenômeno sociotécnico sobre “como as pessoas buscam informações, como percebem e pensam sobre os contornos do conhecimento e como se entendem no discurso público e por meio dele” (GILLESPIE,

1 Acompanhando diversos pesquisadores, entenderemos o termo “*Fake News*” como a nomenclatura comum para o tema sobre as práticas de desinformação – por isso grafado com iniciais maiúsculas –, que consistem na elaboração de conteúdos falsos ou em grande parte imprecisos, podendo apresentar características de escrita e formato jornalísticos, com objetivo econômico ou ideológico (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017).

2014, p. 183, tradução nossa). Acerca destes fatores que é possível pensar sobre novas formas de percepção produzidas, já que estes processos vão estabelecendo cada vez mais regimes de verdade próprios (nos termos foucaultianos). Sendo assim, o que se pretende como objetivo neste trabalho é demonstrar e analisar de forma crítica como o contexto permeado pelos avanços tecnológicos afeta a maneira de lidar com os fatos nas mídias digitais, lastreadas por um novo padrão de sociabilidade e por algoritmos programados sob a áurea de serem estabilizadores de confiança, precisos, livres de subjetividade e erros.

Um dos possíveis caminhos adotados para entender este problema de pesquisa é observar sua relação na convulsão dos eventos através dos nós ou interconexões entre estes. E algo particularmente percebido como elemento indiciário neste cenário é a imprecisão da informação. O projeto Comprova de combate à desinformação na internet, por exemplo, menciona algumas vezes em sua declaração de objetivos e princípios orientadores o compromisso de lidar com as informações de *maneira precisa* e responsável, investigando e sinalizando declarações, especulações e rumores com ampla repercussão e projeção nas mídias digitais². A precisão seria uma das maneiras de se adotar postura crítica, caracterizada pela capacidade intelectual de julgamento e discernimento de conteúdos enganosos ou deturpados, oferecidos e expostos intencionalmente para algum fim lucrativo ou ideológico mesmo que cause danos públicos.

A pesquisadora Claire Wardle da Universidade de Harvard e responsável pelo projeto First Draft – que inspirou o Comprova no Brasil – afirma que um dos problemas para o uso da terminologia “*fake news*”, atribuída aos episódios de notícias falsas, é por não se tratar em muitos casos de conteúdo enganoso, mas *impreciso*. Neste sentido, Wardle opta pelos termos *information pollution* por representar melhor a ideia de “nosso fluxo de informações sendo poluído com conteúdos falsos, enganosos, danosos, de modo a que não tenhamos à mão informações precisas para tomar decisões.”³. Tal reflexão parece mapear um imbróglio que permeia não apenas o conteúdo, mas também o próprio processo comunicacional. Por conta das novas tecnologias, a comunicação é

2 Cf. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/about>. Acesso em: 18 jan. 2020.

3 Cf. AGUIAR, Ione. Claire Wardle: “Estamos sonambulando em direção a uma crise de informação”. **Veja**, São Paulo, 29 jun. 2018. Disponível em: <https://complemento.veja.abril.com.br>. Acesso em: 18 jan. 2020.

pensada apenas como transmissão de informação, quando na verdade diz respeito a colocar-se em comum com o outro por vinculação e compartilhamento de crenças individuais⁴.

É possível afirmar que o entendimento sobre a importância e a necessidade do rigor nos usos da informação⁵ diante da esfera pública é algo bastante consolidado principalmente pela imprensa tradicional, considerada muitas vezes como o bastião da própria democracia. Neste sentido, o jornalismo moderno é visto como recurso institucional capaz de assegurar ao cidadão a representatividade da palavra, garantindo desta forma a liberdade civil do manifesto das opiniões (SCHUDSON, 2010). O jornal como entidade republicana tem como função registrar conteúdos informativos e distribuí-los ao público com precisão e responsabilidade, questões que acompanham a própria história da atividade, afinal, uma das frases atribuídas ao reconhecido jornalista e editor húngaro Joseph Pulitzer é que ele teria dito no final do século XIX: “Precisão! Precisão! Precisão!” ao definir em sua visão o que significava seu ofício em poucas palavras.

Com intuito de situar o problema levantado com dados empíricos, foram considerados como objetos as discussões realizadas pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Congresso Nacional (CPMI) sobre *Fake News*, instalada pelo Poder Legislativo brasileiro em 2019.⁶ Com isso, busca-se demonstrar na pesquisa proposta que o fator em comum das situações apresentadas pelos parlamentares, convocados e convidados para depoimento desta CPMI é a recorrente característica da imprecisão da informação. Dentre o amplo material produzido durante as audiências públicas e oitivas, foram tomados como recorte os casos envolvendo produção em larga escala de notícias falsas

- 4 A origem etimológica do termo “comunicação” vem do latim *communicatio*, para descrever o “ato de tomar a refeição da noite em comum” (MARTINO, 2015, p. 13). O termo tecnologia da informação e comunicação surge com a “pretensão ideológica do sistema midiático é atingir, por meio da informação, o horizonte humano da troca dialógica supostamente contida na comunicação” (SODRÉ, 2014, p. 11), que é um fenômeno anterior às técnicas.
- 5 Embora seja um termo polissêmico e utilizado por diversos campos em distintas perspectivas, partimos da ideia de “informação” por uma abordagem pragmática, ou seja, como: “comunicação do conhecimento ou ‘notícia’ de algum fato ou ocorrência; a ação de contar ou fato de ouvir algo” (Oxford English Dictionary, 1989, vol. 7, p. 944 apud BUCKLAND, 1991, p. 351, tradução nossa).
- 6 A CPMI das Fake News foi instalada em 4 de setembro de 2019, com finalidade de investigar, no prazo de 180 dias, os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de *cyberbullying* sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio. Cf. CPMI das Fake News é instalada no Congresso. **Agência Senado**, Brasília, 4 set. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias>. Acesso em: 23 nov. 2020.

através da utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018, além da prática de *cyberbullying*⁷ sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos.

A CPMI das *Fake News* foi selecionada como universo para estudo devido a sua abrangência na reportagem dos principais casos de desinformação e com maior repercussão nacional desde 2016⁷ até o ano de sua instalação pelo parlamento brasileiro. Levando em conta a situação em andamento dos inquéritos durante a composição deste trabalho⁸, tomou-se para pesquisa as audiências públicas e oitivas realizadas em 2019, haja vista a não conclusão das demais no ano de 2020 devido à Pandemia de Coronavírus. Por meio da visualização das sessões disponibilizadas nos canais oficiais do Senado Federal⁹ e da Câmara dos Deputados¹⁰ na plataforma de vídeos do YouTube, foi realizado processo de decupagem¹¹ do material de interesse para estudo e após isso recorreu-se à pesquisa documental de matérias jornalísticas de portais, sites e blogs para verificação de real ocorrência dos casos suscitados.

7 Formada pelas palavras de origem inglesa *cyber*, comunicação por meio das mídias digitais; e *bullying*, ação de provocar, intimidar ou humilhar uma pessoa, a prática *cyberbullying* é aplicada para descrever atos ofensivos ou caluniosos na internet. Cf. WATERCUTTER, Angela. Oxford Dictionary

7 A imprensa internacional passou a usar com bastante frequência o termo “*fake news*” ao longo das eleições de 2016 nos Estados Unidos diante das disputas acirradas entre as bases eleitorais de Donald Trump e Hillary Clinton. Cf. WENDLING, Mike. Como o termo ‘fake news’ virou arma nos dois lados da batalha política mundial. **BBC News Brasil**, São Paulo, 27 jan. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>. Acesso em: 23 nov. 2020.

8 Com objetivo de permitir uma melhor conclusão das investigações e por conta da Pandemia de COVID-19, a CPMI foi prorrogada por mais 180 dias, sendo acrescentados os temas da desinformação e do negacionismo sobre o coronavírus. Cf. CPI é prorrogada por 180 dias e investigará Fake News sobre coronavírus. **Agência Senado**, Brasília, 3 abr. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias>. Acesso em: 23 nov. 2020.

9 O Senado Federal possui um canal na plataforma YouTube, chamado: TV Senado, com a finalidade de disponibilizar abertamente as atividades do Congresso Nacional que são públicas. É possível conferir discursos dos senadores, debates e votação de projetos, a cobertura jornalística, documentários e entrevistas especiais. Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/TVSenadoOficial>. Acesso em: 21 fev. 2020.

10 Através do canal na plataforma YouTube da Câmara dos Deputados é possível assistir ao vivo, sem cortes e sem edição, às audiências públicas nas Comissões e às votações no Plenário da Casa, abrangendo o processo legislativo e debates sobre diversos temas de interesse público. Cf. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC-ZkSRh-7UEuWXJQ9UMCFJA/about>. Acesso em: 21 fev. 2020.

11 Expressão especialmente comum no jargão entre os profissionais de televisão, o processo de decupagem é o registro característico de cada trecho gravado de um vídeo, assim como o ponto da minutagem em que se encontra, para sua localização posterior. Pode ser considerado como análogo ao que seria o trabalho de indexação e classificação em categorias ou *tags*, que permite a recuperação de dados sobre livros, textos, documentos, etc.

Defines Sexting, Cyberbullying. **Wired**, San Francisco, 8 out. 2011. Disponível em: <https://www.wired.com>. Acesso em: 23 nov. 2020.

Partindo da organização dos dados coletados de forma estatística, os registros dos eventos de desinformação foram expostos à metodologia da análise de conteúdo, em que passaram a ser observados os possíveis padrões nos elementos presentes e assim categorizados em nível semântico (BARDIN, 2011). Através das classificações propostas, buscou-se a demonstrar que a característica da imprecisão da informação é um dos fatores predominantes na percepção dos conteúdos veiculados pelas mídias digitais na realidade da atual sociedade algoritimizada. Foi empregada também para embasar a conjuntura em que tais fenômenos se apresenta, a revisão bibliográfica, com amparo nos campos da Comunicação Social e Ciência da Informação. Estima-se que esta pesquisa possa ampliar caminhos para novas investigações sobre o tema da desinformação, assunto ainda de grande interesse para diversas disciplinas das Ciências Sociais.

2 A imprecisão da informação como sinal do tempo

A história dos avanços técnicos no século XX revela que, conforme a produção e a circulação de informações foram sendo aperfeiçoadas no meio social, maior tornou-se a responsabilidade sobre o gerenciamento da concentração de uma nova forma de poder que se consolidava através da informacionalização¹². Neste sentido, um dos conceitos-chave sobre esta perspectiva é o de regime de informação, que trata de descrever o modo dominante de uma formação social que passa a definir quem são os sujeitos, as organizações, as regras e as autoridades informacionais pertencentes a um complexo conjunto de relações e agências sobre a cultura, a política e a economia (GÓMEZ, 2012). O contexto histórico-discursivo desta condição sociotécnica estaria na cadeia de produção de informação (infraestrutura) construída através da convergência entre as tecnologias de telecomunicação e informática.

A imprensa por diversos momentos na história mostrou-se bastante consciente sobre este poder da revolução informacional vivenciada, principalmente, diante do cenário da crescente demanda de acesso a computadores e bases de dados. Na década de 1980, por

12 Tal fenômeno está relacionado com as contribuições oferecidas pelas tecnologias da informação e comunicação às novas lógicas produtivas do conhecimento, que por sua vez permitiram o surgimento de diferentes formas de interação e também de transformação social, viabilizando a construção de novas estruturas de poder na sociedade contemporânea (LEÃO, 2003 apud GÓMEZ, 2003).

exemplo, era comum a divulgação de diversas pesquisas encomendadas por políticos para fomentar os embates públicos e, por se apresentarem frequentemente com certa suspeição, os veículos de comunicação começaram a se mobilizar para fundamentar suas matérias e reportagens através de levantamentos estatísticos próprios (MEYER, 1993). Como marco deste momento, foram inaugurados os primeiros departamentos nos setores jornalísticos do The Washington Post, USA Today, Los Angeles Times e The New York Times especializados na coleta de dados para construção das notícias, inaugurando com isso uma nova forma na prática jornalística: o jornalismo de precisão¹³.

Diversas esferas sociais precisaram se adaptar aos desafios do volume gigantesco de dados existentes no meio social contemporâneo, tendo que lidar cada vez mais com a realidade de um mundo mais complexo, diferente de quando os próprios fatos “falavam” por si mesmos (MEYER, 1993). Neste sentido, a nomenclatura proposta do “jornalismo de precisão” revela não apenas uma nova demanda para o ofício, mas o prenúncio de um problema que estaria presente nas principais discussões do início do século XXI. Como é possível constatar, nestes últimos anos o senso democrático e a própria imprensa passaram a estar sob incursão e com isso a “atual crise da democracia ocidental é [também] uma crise do jornalismo” (LIPPMANN, 1920, p. 5 *apud* SCHUDSON, 2010, p. 51, tradução nossa). Tamanha associação ocorre devido ao importante papel exercido pelos veículos de comunicação de atuarem como mediadores informacionais.

A imprensa pode ser considerada uma das principais instituições responsáveis pela construção que temos de esfera pública, à medida que através dela a transmissão de informações tornou-se regularmente mais acessível e ampla. O que permitiu também que algumas classes como sociedade assumissem cada vez mais consciência sobre si e sobre o Estado, pois o uso público da razão será importante para a construção de um poder decisório, uma vez que a crítica ao ser tomada como voz da sociedade e do interesse comum é agregada agora como parte da construção das estruturas estatais.

13 Precursor da utilização de métodos empíricos de investigação social em coberturas jornalísticas, o jornalista estadunidense Philip Meyer foi quem introduziu a distinta perspectiva do ofício que chamou de jornalismo de precisão, sendo baseado no alinhamento de ferramentas de apuração científica para elaboração de notícias no complexo cenário de sociedade que emergia (AUCOIN, 2005).

Assim a esfera pública disporia como ideal a tarefa política de regulamentar e modular o poder do governo por meio das discussões populares, que por sua vez determinam as normas de conduta e leis baseadas na verdade construída pelo debate e não mais pelo princípio de soberania absoluta como em períodos passados (HABERMAS, 1984).

A esfera pública em Jürgen Habermas, portanto, mostra-se bastante relacionada com a realidade da informática e da própria internet, que como apontado, são bastante associadas à capacidade de melhorar a dinâmica da democracia nas sociedades contemporâneas. O fenômeno das tecnologias digitais neste sentido permitiu em grande medida a transmissão de informações através de uma eficiente forma de mobilização por redes jamais vista antes, com isso, estamos falando de um novo poder comunicacional e, sobretudo político, como é proposto pelo pensamento habermaniano. A trama entre esfera pública e as novas dinâmicas de interação social das mídias digitais se revelou ao mundo, principalmente, com a corrida presidencial de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, em 2008, baseada em um tipo de campanha a partir da estrutura do ambiente on-line da Web 2.0 (GOMES *et al.*, 2009).

O fator da imprecisão na sociedade contemporânea pode ser visto como um sinal do tempo ou um *Zeitgeist*, isto é, “*espírito da época*”, sendo, portanto, uma circunstância pertencente ao período contemporâneo em que se tem agora tecnologias da informação e comunicação interferindo na condição intelectual e cultural do mundo. Moisés Martins (2007, p. 19), por exemplo, ressalta que o debate acerca dos temas da desinformação diz respeito a uma “situação espiritual do nosso tempo”, podendo ser classificada ainda como “angustiante” por tratar-se de uma “crise geral dos sentidos” ou mesmo de uma “crise geral de valores”. Significa dizer que o problema vivenciado tem de algum modo ou de outro suas raízes firmadas na imprecisa forma de lidar com a realidade, muitas vezes, devido à incapacidade humana de dar conta da grande quantidade de conteúdos produzidos e propagados pelas tecnologias digitais.

Por outro lado, é preciso apontar também que uma das questões presentes nesta crise é a profunda alteração nas formas das relações sociais no universo da esfera pública, que passam a se realizar em formato não-hierárquico, descentralizado, com indivíduos pré-dispostos à rápida agregação por laços fracos e, portanto, frágeis, ao mesmo tempo caracterizado de vínculos íntimos por envolver maior fluidez e forte apelo emocional (MAFFESOLI, 1998). A comunicação contemporânea permite uma nova forma de

socialização e Michel Maffesoli resgata com isso a ideia dos “públicos de massa”, dispostos agora em pequenos grupos de redes existenciais, pois “[...] é a partir do ‘local’, do território, da proxemia, que se determina a vida de nossas sociedades. E todas essas coisas se referem, também, a um saber local, e não mais a uma verdade projetiva e universal.” (1998, p. 81).

Antes mesmo da conexão da internet, os indivíduos já estabeleciam ligações entre si através de suas redes neurais, responsáveis pela concretização do ato comunicativo através da troca de informações. Neste sentido, Manuel Castells nos lembra que as condições sociotécnicas envolvidas nas relações com o uso das mídias sociais digitais apenas reforçaram a demanda de assuntos da ordem do sensível na esfera pública, muitas vezes, complexos demais e imprecisos para uma rápida reflexão sem que haja distorção da realidade (CASTELLS, 2013). A linguagem normalmente proposta pela desinformação tende a valorizar não o sentido racional, mas emocional a partir do apelo que o conteúdo dispõe na identificação com as paixões provocadas. Com isso a vinculação emocional está bastante presente na atual realidade das mídias digitais, em que características, como: síntese, ubiquidade e instantaneidade são extremamente demandadas.

Pode-se dizer que, na perspectiva da desinformação, o conteúdo é marcado por uma hipersensibilidade, pois a fonte se confunde com a própria mensagem a ser propagada e a necessidade de consumi-la segue a demanda da velocidade e da superficialidade contemporâneas (BAUDRILLARD, 1993, apud BRISOLA; BEZERRA, 2018). Com isso, é preciso acrescentar que o consumo e circulação de conteúdos no ambiente online ocorrem muitas vezes sem a tradicional mediação dos veículos de comunicação, que passam a ser substituídos por vínculos sociais “diretos” realizados a partir de contextos familiares, profissionais, religiosos, políticos etc. A informação que vai de um nó a outro dentro destas redes é acompanhada por esta vinculação íntima, conferindo com mais propriedade no plano afetivo um certo “status de verdade”, que está para além de seu conteúdo apresentado.

Esta horizontalidade na produção de informações permite que as redes sociais digitais – e não mais determinadas empresas ou personalidades públicas – estejam moldando, compartilhando e reconfigurando os conteúdos de mídia, nos quais também se inclui a ação popular na abordagem de notícias. A circulação de informações, portanto, ganha

uma nova dimensão neste contexto, diferente do sentido tradicional que remete apenas à ideia de distribuição. Estaríamos nos referindo a uma forma diferente de mediação, permeada por conteúdos interagindo com os receptores e entre os receptores, produzindo uma ação contínua de produção. O que se deve atentar é que a circulação de conteúdo de mídia dentro da cultura participativa pode servir a uma variedade de interesses, alguns deles culturais, políticos ou econômicos, dentre os quais estaria em jogo até mesmo o papel do jornalismo, pois:

As redações ainda estão lutando para descobrir quais podem ser suas novas funções em um ambiente onde a demanda por informações pode ser impulsionada pelo afeto e moldada pelo que acontece nas comunidades online, onde os cidadãos podem fazer exigências sobre o que os jornalistas cobrem e podem remendar informações de uma variedade de recursos se os veículos de notícias tradicionais não fornecerem as informações desejadas. (JENKINS; GREEN; FORD, 2013, p. 42, tradução nossa).

Dentre os motivos que acentuam a perda da confiança nos veículos tradicionais da grande mídia, e conseqüentemente da audiência, está também a percepção do público na recorrência de erros técnicos no jornalismo – conhecidos por “barrigadas” ou “falsos furos” –, que passam a ganhar maior notoriedade com a participação imersiva do público na condição de recepção e coprodução. Além disso, com a pluralidade de vozes presentes hoje nas redes sociais digitais, torna-se mais possível a percepção sobre a construção de interesses e narrativas por parte dos veículos de comunicação no tratamento de algum dado da realidade, o que em muitas ocasiões acaba gerando protestos e repúdios da audiência. Neste sentido, a crise informacional também é a crise da legitimação das instituições, que estão a encontrar um novo espaço em meio à cultura participativa e não-linear, como se compunha tradicionalmente.

A incapacidade de dar conta do volume de conteúdos produzidos, de maneira racional e precisa, acaba comprometendo o pacto de confiabilidade estabelecido entre um veículo

de comunicação e seu público¹⁴. Afinal, o produto do jornalismo não é apenas a informação em si mesma, mas a sua confiabilidade e esta relação construída a partir de um acordo não diz respeito apenas aos conteúdos em si (os enunciados) mas também ao modo (a enunciação) como são dispostos e entregues aos receptores. E para contornar esta situação muitos veículos passam a apelar para a ação dos algoritmos, programados para oferecer conteúdos com base na lógica da personalização, prevendo os assuntos que serão mais acessados pelos públicos em substituição a tradicional curadoria editorial (PARISER, 2012). Como resultado, surgem as “câmaras de eco” ou “bolhas de filtros”, produzindo com isso o isolamento informacional dos públicos.

A consequente queda da “reputação” dos veículos de comunicação na internet tem empurrado cada vez mais os indivíduos para o consumo de informações por meio de buscadores, mídias sociais digitais ou agregadores de notícias e conteúdos, como Facebook, Twitter, YouTube e WhatsApp¹⁵, sendo este último apontado com maior suscetibilidade para difusão de notícias falsas, como revelado em pesquisa pelo The New York Times (2019) e pela Fundação Getúlio Vargas¹⁶. As Eleições de 2018 neste aspecto podem ser consideradas como ponto alto deste cenário, uma vez que foi um dos eventos na história brasileira que mais contou com casos envolvendo distribuição deliberada de desinformação nas mídias digitais, revelando a existência de um complexo sistema envolvendo sites e perfis falsos nas redes, empresas financiadoras, produtoras e distribuidoras de conteúdos enganosos ou deturpados.

Os inúmeros casos de agressão verbal e ameaças aos representantes das esferas do poder nas redes sociais digitais prenunciava um período delicado para a democracia brasileira.

14 Eliseo Verón argumenta existir uma ligação simbólica contratual de confiança entre suporte e leitor, de modo que “as mídias às quais [somos fiéis] são aquelas em que [depositamos nossa] crença.” (VERÓN, 2005, p. 276).

15 De acordo com o Digital News Report 2019, desenvolvido pelo Reuters Institute for the Study of Journalism, após uma eleição polarizada, a confiança dos brasileiros no meio digital caiu 11 pontos, de 59% para 48%. Os brasileiros permanecem entre os que mais utilizam as mídias sociais no mundo e, segundo o relatório, o WhatsApp tornou-se a principal rede para discutir e compartilhar notícias, com 53% de adesão, apenas atrás da Malásia (50%) e África do Sul (49%). Cf. CAI confiança dos brasileiros no meio digital. **Associação Brasileira de Imprensa**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2019. Disponível em: <http://www.abi.org.br>. Acesso em: 20 jan. 2020.

16 Cf. LAVADO, Thiago; PAIVA, Deslange. Vídeos de YouTube com informações falsas somam milhões de visualizações e alimentam debate político no WhatsApp. **G1**, Rio de Janeiro, 19 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 20 jan. 2020.

A facilidade da rapidez e do anonimato facilitaram a produção de um verdadeiro dilúvio de postagens com pouco diálogo racional e bastante emoção, chamado pelo jornal britânico *Financial Times* de “debate político tóxico”¹⁷, havendo com isso um significativo aumento no número de denúncias de discurso de ódio e intolerância na internet¹⁸. A exemplo até então dos recentes vazamentos de dados seguidos de microdirecionamentos de conteúdos a usuários por meio da *Cambridge Analytica* no pleito estadunidense e no *Brexit*, do Reino Unido¹⁹, foi demandado pelo Congresso brasileiro uma série de investigações sobre os casos de *Fake News* relatados pela imprensa, sobre os quais este trabalho pretende se debruçar a seguir.

3 Análise sobre os casos de desinformação discutidos na CPMI das Fake News

Embora seja comum aos processos eleitorais nos países democráticos, a acentuação dos embates públicos no início do ano de 2018 já havia demonstrado que a disputa presidencial brasileira se daria para além da competição partidária, estendendo-se aos diversos níveis da violência. Às vésperas do período de propaganda eleitoral, por exemplo, o então presidente do Senado, Eunício Oliveira, declarou: “o que tem ocorrido no Brasil ultimamente não é desavença, não é mal-entendido; é uma brutal intolerância, que, no médio e longo prazos, pode comprometer nosso projeto de nação democrática”²⁰. Diante da concretização de boa parte das previsões com o acirramento

17 Cf. ELEIÇÕES 2018: Eleição movida por debate ‘tóxico’ nas redes sociais expõe ‘fraturas’ na democracia brasileira, diz *Financial Times*. **BBC News Brasil**, São Paulo, 28 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>. Acesso em: 6 jul. 2019.

18 MESQUITA, Lígia. Denúncias de discurso de ódio online dispararam no 2º turno das eleições, diz ONG. **Época Negócios**, Rio de Janeiro, 9 nov. 2018. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com>. Acesso em: 3 ago. 2019.

19 ENTENDA o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. **BBC News Brasil**, São Paulo, 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>. Acessado em: 5 ago. 2020.

20 Cf. AGÊNCIA SENADO. Eleições de 2018 serão marcadas pela polarização do eleitorado, diz Eunício. **Senado Notícias**. Brasília, 9 maio 2018. Seção Presidência. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias>. Acesso em 6 jul. 2019.

político formado na internet, o Congresso brasileiro designou, em 21 de agosto de 2019, a instalação de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre as *Fake News*.

Dentro do recorte pretendido, foram assistidas 12 audiências públicas e oitivas, totalizando 54 horas e 18 minutos de material analisado, que contaram com a participação de convidados e convocados para exposição, dentre os quais: nomes do alto escalão da política brasileira, servidores da defesa militar, acadêmicos, especialistas, funcionários de corporações de comunicação, líderes de associações e projetos sociais, assim como, influenciadores digitais com milhares de seguidores na internet. Puderam ser contabilizados, por meio do trabalho de decupagem²¹, a menção de 249 casos de desinformação apontados pelos parlamentares e demais participantes, assim classificados seja de algumas instituições públicas, pelos próprios veículos de comunicação ou movimentos e projetos especializados no trabalho de *fact checking*²², conforme se dispõe de forma organizada a seguir:

Tabela 1 – Ocorrências de menções sobre casos de desinformação na CPMI das *Fake News*

Data	Comissão	Nome do vídeo no YouTube	Duração	Ocorrências
22/10/2019	5ª Reunião	CPMI Fake News - Audiência sobre o fenômeno das Fake News na sociedade e na democracia - 22/10/2019	02:33:10	17
29/10/2019	7ª Reunião	CPMI Fake News - Oitivas - 29/10/2019	02:14:04	2
30/10/2019	8ª Reunião	CPMI Fake News - Depoimento do deputado federal Alexandre Frota - 30/10/2019	05:26:19	21
05/11/2019	9ª Reunião	CPMI das Fake News ouve Allan dos Santos	05:28:54	51
06/11/2019	10ª Reunião	CPMI Fake News - Oitivas - 06/11/2019	05:04:42	25
19/11/2019	11ª Reunião	CPMI Fake News - Oitivas - 19/11/2019	03:25:12	4
26/11/2019	12ª Reunião	CPMI Fake News - Depoimento do general Carlos Alberto Santos Cruz -	06:25:55	30

21 Foi registrado no trabalho de decupagem a minutagem da primeira ocorrência do tratamento de algum caso de interesse durante a audiência, não sendo consideradas as menções reincidentes sobre o mesmo assunto.

22 MAS de onde vem o fact-checking? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 out. 2015. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa>. Acesso em: 28 nov. 2020.

		26/11/2019		
27/11/2019	13ª Reunião	CPMI Fake News - Miguel de Andrade Freitas e Marco Aurélio Rudieger - 27/11/2019	02:38:29	1
03/12/2019	14ª Reunião	CPMI Fake News - Identificação de notícias falsas - 03/12/2019	04:33:33	22
04/12/2019	15ª Reunião	CPMI Fake News - Depoimento da deputada federal Joice Hasselmann	10:02:33	52
10/12/2019	16ª Reunião	CPMI Fake News - Depoimento Paulo Marinho - 10/12/2019	02:51:58	19
11/12/2019	17ª Reunião	CPMI Fake News - Oitivas - 11/12/2019	03:33:39	5
Total			56:12:22	249

Algumas reuniões tiveram como pauta a tratativa de parâmetros sobre como o inquérito deveria ser conduzido, não havendo assim ocorrências ou debates propriamente ditos sobre casos de desinformação.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como parte da metodologia, recorreu-se ao procedimento da análise de conteúdo para analisar os elementos do discurso presentes nos casos de desinformação discutidos na CPMI das *Fake News*. E com finalidade de avaliar as características predominantes, isto é, verificar os índices frequentes nos conteúdos de cada exemplo mencionado, o material colhido foi categorizado em unidades de registro temáticas, a fim de identificar e classificar os níveis perceptíveis de desinformação a partir dos aspectos semânticos. Utilizou-se como critério de apoio a proposta elaborada pela jornalista Claire Wardle e amplamente utilizada, com base nos estudos sobre os *types of misinformation* (tipos de informações falsas). Diante do universo de análise apresentado nos artigos do projeto First Draft sobre as eleições mundiais, adotou-se o recente modelo que descreve os padrões classificatórios no pleito germânico de 2017²³.

Tabela 2 – Proposta de classificação das notícias abordadas na CPMI das *Fake News*

Tipos de desinformação da First Draft	Elementos nucleares de desinformação
Conteúdo enganoso (<i>misleading content</i>)	Inverdade
Conteúdo falso fabricado (<i>fabricated content</i>)	
Conteúdo impostor de uma pessoa ou marca	

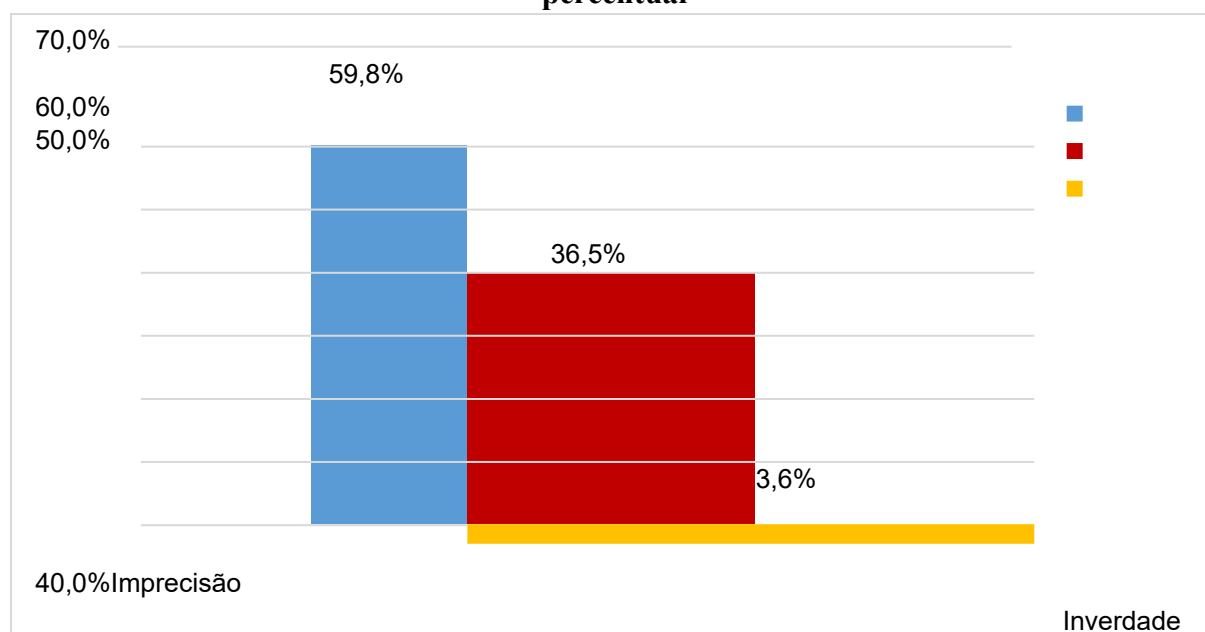
- 23 A partir de suas muitas análises sobre as eleições mundiais, começando pelo emblemático processo democrático ocorrido nos Estados Unidos em 2016, que os *types of misinformation* consolidaram-se com base nos artigos do projeto First Draft. Cf. BRODNIG, Indrid. 7 types of misinformation in the German election. **First Draft**, Nova Iorque, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org>. Acesso em: 24 nov. 2020.

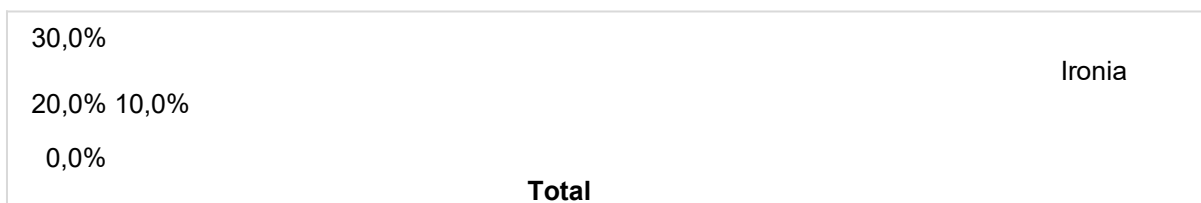
(<i>imposter content</i>)	
Conteúdo verdadeiro, mas manipulado (<i>manipulated content</i>)	
Falso contexto do conteúdo apresentado (<i>false context</i>)	Imprecisão
Falsa conexão da chamada para notícia apresentada (<i>false connection</i>)	
Sátira ou paródia (<i>satire or parody</i>)	Ironia

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em conformidade com a fase de codificação, elaboramos com base nos sete tipos de desinformação propostos nos estudos do First Draft pelo menos três grandes categorias, para representação simplificada em unidades de registro temáticas, que chamamos neste trabalho de elementos nucleares de desinformação: inverdade, imprecisão e ironia. O agrupamento realizado nestes termos se deu pela contribuição subjetiva controlada do pesquisador, como é pertinente à metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), tomando como ponto de partida o objetivo de demonstração do pressuposto da imprecisão na percepção sobre os fatos da realidade. Diante dos esforços de uma abordagem interpretativa dos conteúdos, as características dos tipos de desinformação permitiram as correspondências apresentadas entre os tipos de desinformação e os elementos nucleares tomados para elaboração das regras de codificação desta análise.

Gráfico 1: Classificação geral do tratamento das matérias jornalísticas em percentual

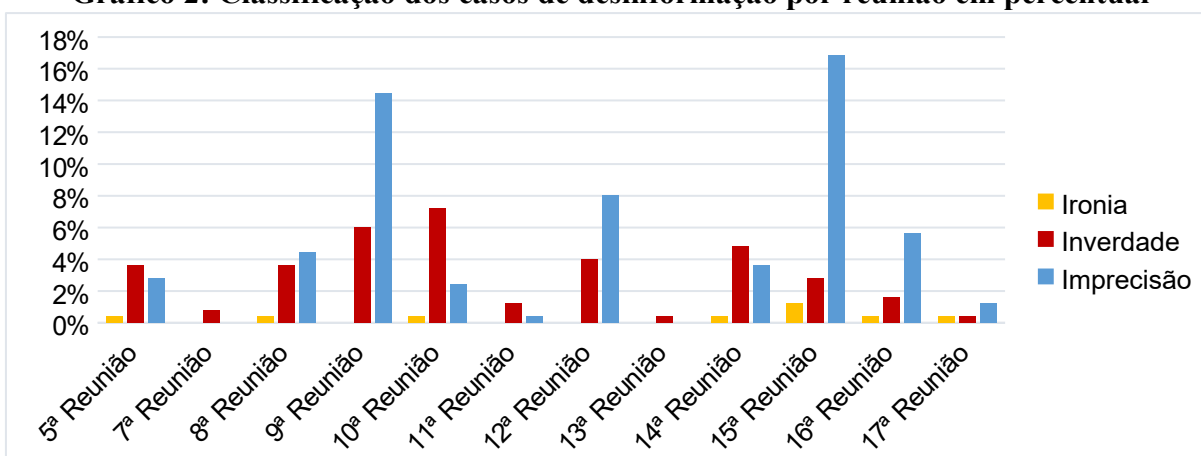




Foram considerados o total de 249 casos mencionados de desinformação. Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base nas sessões tomadas para análise, conforme Tabela 1, as matérias jornalísticas coletadas foram classificadas dentro dos critérios estabelecidos na Tabela 2. E a partir da análise realizada para este trabalho em fevereiro de 2020, chegou-se aos resultados em percentual do total de 249 casos de desinformação, que apresentaram elementos nucleares de desinformação do tipo “imprecisão” (59,8%), baseadas na característica de conteúdos enganosos; falsos fabricados; ou impostores de uma pessoa ou marca. Já nos casos considerados como “inverdade” (36,5%), baseados em conteúdo verdadeiro, mas manipulado; falso contexto ou falsa conexão da chamada para notícia apresentada. Por fim, as que continham o aspecto “ironia” (3,6%), tratando-se assumidamente de sátira ou paródia, demonstrando com isso que, para análise dos parlamentares, as sátiras e paródias tinham pouca importância para a discussão do que se propunham.

Gráfico 2: Classificação dos casos de desinformação por reunião em percentual



Foram considerados o total de 249 casos mencionados de desinformação. Fonte: Elaborado pelos autores

As reuniões em que estiveram presentes o criador do canal Terça Livre na plataforma do YouTube, o jornalista Allan dos Santos (9ª Reunião da Comissão - 05/11/2019), e a deputada federal Joice Hasselmann (15ª Reunião da Comissão - 04/12/2019) apresentam os índices de notícias com maior classificação do caráter “imprecisão”, sendo a primeira

chegando a um pico de 23%, enquanto a segunda de 28% do total deste mesmo critério. Outro ponto que se pode notar é a ocorrência das matérias do tipo “ironia” bastante presentes quando se trata da ex-líder do governo no Congresso, o que coaduna com suas alegações em vídeo de que passou a sofrer ataques de *cyberbullying* sobre sua fisionomia, por exemplo, desde que foi destituída do cargo em outubro de 2019. Ao assumir uma postura de oposição às ideias do presidente da república²⁴, a deputada passou a ser alvo do que denunciou ser uma “milícia digital” e “gabinete de ódio”²⁵.

A imprecisão da informação, conforme material da CPMI, mostra-se como ponto crucial para entender a natureza de boa parte dos conteúdos noticiosos que circulam através das mídias digitais. Muitos debates têm sido realizados acerca das práticas de desinformação, que para muitos pesquisadores precisa ser entendido não como um fenômeno recente, mas de origem militar da Segunda Grande Guerra Mundial, por exemplo, em que se distribuíam panfletos por avião com conteúdos enganosos para confundir os inimigos (BRISOLA; DOYLE, 2019). E o que os dados levantados por este trabalho contribuem para demonstrar é que, mesmo que a desinformação seja tomada como a raiz do problema informacional contemporâneo, a imprecisão tem se mostrado um elemento importante e recorrente na validação das práticas enganosas, sendo também corroborada pela realidade das relações sociais estabelecidas na internet.

Se por um lado, a terminologia “*fake news*” é problemática ao ser um nome insuficiente para explicação destes casos, inclusive por ser utilizado de modo indiscriminado por alguns governos contra todo tipo de informação que os contraria²⁶, as definições de *misinformation* e *disinformation*, por exemplo, acabam sendo restritas a descrever a intencionalidade ou não por trás dos conteúdos produzidos, que vai desde erros de

24 Cf. STOCHERO, Tahiane. Joice Hasselmann diz que assessores de Bolsonaro e dos filhos atuam nas redes sociais com perfis falsos. **G1**, Rio de Janeiro, 22 out. 2019. Disponível em: Acesso em: Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 21 fev. 2020.

25 Cf. OLIVEIRA, José. Joice Hasselmann denuncia “milícia” e “gabinete de ódio” na disseminação de fake news. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, 4 dez. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias>. Acesso em: 21 fev. 2020.

26 O termo “*fake news*” ganhou grande expressão no mundo com os recorrentes usos feitos pelo então presidente estadunidense Donald Trump, que se propunha redefinir o que poderia ser tido por verdade, normalmente, através de argumentações falsas. Cf. GRIFFIN, Andrew. A year of Donald Trump’s presidency told in fake news. **Independent**, Londres, 17 jan. 2018. Disponível em: <https://www.independent.co.uk>. Acesso em: 29 nov. 2020.

comunicação não intencionais a propósitos específicos, seja para influência social, econômica, política dentro outras razões possíveis (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017). A imprecisão da informação seria algo presente de forma suprassensível na contemporânea ecologia informacional, resultado de um processo que tem a ver com uma conjuntura de fatores, conforme apresentado, que envolve a concepção de um diferente pacto semântico ou semiótico apontado pelas tecnologias da informação e comunicação.

4 A crise informacional como mudança de paradigma biológico

Em tempos de circulação de grandes fluxos de dados, a discussão acerca das lógicas por detrás as condições em que conteúdos são dispostos e propagados aos públicos da internet carrega consigo importante contribuição para análise da crise informacional vivenciada na contemporaneidade. As reflexões com base nas conceituações que oferecem ampla abordagem sobre as complexas estruturas sociais existentes, como as de um regime de informação ou mesmo de uma nova condição antropológica (*bios*) que emerge pelo modo que são formadas as representações da corporeidade e da propriocepção nas novas tecnologias, por exemplo, são importantes na tentativa de descrever os variados processos sociais e agências no mundo digital. Ambos entendimentos acerca destas questões apontam estarmos lidando com circunstâncias dentro de uma forma de “ecologia informacional” com características biológicas próprias.

Desde a Renascença (XIV), com a invenção da imprensa seguida séculos mais tarde pela consolidação da ciência moderna, a produção e comunicação do conhecimento cresceu em uma dimensão sem precedentes na história humana. E como resultantes destes processos históricos, surgiram as primeiras instituições e serviços especializados de informação modernos, assim como foi sendo formada uma grande massa de usuários destes instrumentos, além de elaborados sistemas e mecanismos próprios de seleção e tratamento de conteúdos para dar conta da explosão informacional contemporânea. Todo este conjunto de elementos compõem uma verdadeira ecologia informacional e, conforme defende Tefko Saracevic, trata-se do resultado de uma relação sócio-ecológica

aos moldes do conceito elaborado pelo campo da Biologia, que envolve em termos práticos:

[...] os produtores de conhecimento (autores, inventores, pesquisadores, coletores...) e as instituições onde trabalham ou residem; os financiadores dessas instituições e trabalhos; os editores (em qualquer *media*), incluindo seus próprios mecanismos de seleção, editoração, julgamento, avaliação, publicação...; os canais de divulgação; os *reelaboradores* (por exemplo, produtores de bases de dados, em qualquer *media* também) incluindo seus mecanismos próprios de seleção, tratamento, disseminação...; as bibliotecas e serviços de informação, também com seus mecanismos; os usuários e suas instituições [...] (1996, p. 58).

A ideia de “crise”, do grego *krisis*, ‘*distinção*’, ‘*juízo*’ ou ‘*separação*’ é utilizada em diversos campos do conhecimento como metáfora para indicar a emergência de circunstâncias distintas com base em um ponto original ou da passagem por um período adverso. No campo da Biologia, o significado torna-se mais claro para a reflexão informacional contemporânea, à medida que o termo indica um tipo de mudança em nível biológico, ou seja, tem a ver com a alteração de um determinado ambiente povoado por grupos de organismos, que passam a se comportar de maneira diferente. Isso ocorre por inúmeros motivos: diversificação evolutiva de suas próprias características, adaptação a diferentes condições biológicas, presença de novas outras populações e espécies etc., e conforme defende Tefko Saracevic (1996), a alteração em qualquer um dos elementos da relação sócio-ecológica tem a capacidade de mudar todo o sistema

A crise na perspectiva da natureza para Aristóteles era impensável, pois o filósofo não admitia a hipótese a transformação das espécies. Os organismos seriam de qualidade imutável, obedecendo sua condição original desde o mais simples até os mais complexos e esta perspectiva de que as espécies fossem fixas permaneceu durante muito tempo até meados da modernidade. Contudo, diferente dos demais seres, o pensamento

aristotélico sustentava que o homem era o único ente que, além de viver, possuía a qualidade de dar forma a sua vida, como na esfera política. Esta seria a distinção feita entre a vida *zoe*, vista como mero fato da vivência; e a vida *bios* compreendida no sentido de um modo deste viver. Os homens se valeriam da política para alcançar o bem supremo, que em outras palavras seria a felicidade na condição de tornar os cidadãos capazes de tomar belas ações (ARISTÓTELES, 2015).

É possível afirmar que a humanidade, dotada pela capacidade de ruptura contra sua própria natureza, sempre esteve em crise. A história das civilizações revela isso, de forma que “a medida que o homem avança e aperfeiçoa suas relações e instrumentos, mais ele provoca crise, porque mais ele se afasta de suas origens” (MARANON, 1994, p. 16). A condição de imediatismo e espetacularização que as mídias provocam é o que daria a impressão de vivenciarmos uma permanente fase de rupturas, tornando mais complexa a identificação sob quais processos estaríamos vivenciando na contemporaneidade. Contudo, ao considerarmos que, na atual conjuntura, o homem interage com o mundo especialmente por meio mediações técnicas, a hipótese mais provável é que se trata de uma crise no campo da percepção, ou seja, cujos efeitos produzidos pelas mídias nos conduzem a uma fase posterior a da ideia de sociedade do espetáculo:

Já não estamos na sociedade do espetáculo de que falavam os situacionistas, nem no tipo de alienação e de repressão específicas que ela implicava. O próprio *medium* já não é apreensível enquanto tal, e a confusão do *medium* e da mensagem (Mac Luhan) é a primeira grande fórmula desta nova era. Já não existe *medium* no sentido literal: ele é doravante inapreensível, difuso e difractado no real e já nem sequer pode dizer que este tenha sido, por isso, alterado. (BAUDRILLARD, 1991, pp. 43–44).

O atual cenário das sociedades permeado pelas tecnologias da informação e comunicação, aponta para a concepção de um diferente pacto semântico ou semiótico entre seus membros. E este acordo de comunicantes, ou seja, daqueles que se relacionam ou organizam mediações simbólicas, parece assumir outra modalidade de

representação na contemporaneidade, em que o receptor passa a perceber o mundo na contingência de seu fluxo com base em um próprio “espaço-tempo social (imaterialmente ancorado na velocidade do fluxo eletrônico), um novo modo de autorrepresentação social e, por certo, um novo regime de visibilidade pública” (SODRÉ, 2010, p. 17). Trata-se, portanto, de uma atualizada percepção da realidade, diferente da convencional mediação imagética entre sujeito (indivíduo) e objeto (mundo), pois agora ambos passam a ser concebidos como a própria imagem por meio de códigos tecnológicos.

A sociedade algoritimizada é fundamentada em uma lógica midiática e que, majorada pelos processos algorítmicos, passa a configurar não apenas as identidades dos grupos sociais, mas formas próprias de consciência. E isso é demonstrável na realidade deste novo *bios* ou forma de existência, cujo regime de informação produz condições próprias de enunciação, de verdade e de compreensão. Sendo assim, estamos falando de dispositivos que implicam diversos efeitos no meio social, dentre estes, o problema da imprecisão da informação, fenômeno este com formas de percepção decorrentes dos processos de midiatização (SODRÉ, 2010). Enquanto na mídia tradicional e linear, a comunicação era estabelecida com informações que buscassem representar o “real”, na contemporaneidade, a rede tecnológica confunde-se com o processo, operando uma espécie de “real simulado” que abre precedentes para uma crise geral dos sentidos.

5 Considerações finais

Diante do cenário de mediação tecnológica nos processos sociais de obtenção do conhecimento e de participação no discurso público, este trabalho se dispôs a acompanhar os diversos estudos já realizados acerca do tema da desinformação nas mídias digitais para indicar novos pontos de vista ao que tem sido chamado de “crise informacional”. A partir dos pressupostos assumidos com base no elemento da imprecisão da informação, buscou-se considerar não apenas a concretização dos problemas corporificados frequentemente no uso do termo das “*fake news*” (efeito), mas a condição em que ocorre o processo comunicacional como um todo (causa). Sendo assim, a discussão se debruçou no nível macrossocial, que se mostra viabilizar em larga escala a utilização de sofisticadas técnicas de manipulação e disseminação de conteúdos enganosos presentes em sites, aplicativos de mensagens, redes sociais digitais etc.

A análise de conteúdo do material levantado pelo inquérito de 2019 do Poder Legislativo brasileiro sobre notícias falsas e campanhas de desinformação mostrou-se corroborar que a percepção dos fatos da realidade por meio das mídias digitais tem como característica predominante a imprecisão da informação. Neste sentido, é possível aferir juntamente com a conjuntura contemporânea o enfraquecimento da imprensa, que como instituição está sob o vórtice de uma crise e impedida de assegurar o seu papel de entidade republicana aos cidadãos. Podemos apontar com isso que a esfera pública padece dos problemas prenunciados por Jürgen Habermas ao constatar que, com a gradativa anulação entre as esferas públicas e privadas somada à progressiva apropriação do capital na influência das tomadas de decisão política, o poder da voz popular se tornaria cada vez mais esmaecido.

A noção de espaço público, que antes era um lugar para o exercício dos interesses coletivos, tem sido substituída pela ideia de arena onde prevalecem aqueles que se dispuserem da melhor estratégia de controle social, incluindo a manipulação e disseminação de informações. E esta mudança coincide com o avanço de uma nova fase do capitalismo, que carrega consigo a prerrogativa de um mercado que tem a comunicação-informação como matéria-prima para exploração dos mais diversos fins. Tamanho dilema atinge diretamente a imprensa que necessita faturar com base nos cliques e na permanência dos públicos em suas plataformas. Com isso, outrora destacados como os principais atores para formação da opinião no meio social, os veículos de comunicação têm se rendido aos meros fins neoliberais, uma vez que importa a audiência, mesmo em detrimento às condições de imprecisão e descontextualização da informação.

Em meio ao desenvolvimento tecnológico e as dificuldades apresentadas por muitas mídias tradicionais na retenção de seus públicos, cresce cada vez mais a tendência de contato com as notícias através das novas plataformas digitais ao trazer consigo a característica de melhor adaptação para consumo. Afinal, estamos falando da possibilidade de rápido acesso a informações distintas, dentro da melhor condição de tempo e espaço; gratuita ou a preços bem abaixo do mercado na maioria dos casos; além de serem oferecidos conteúdos com alto grau de personalização, à medida que pode comunicar as perspectivas de um fato adequadamente à inclinação político-ideológica

do usuário. Todos estes elementos dentro da realidade de demandas contemporâneas corroboram para que o nível de precisão exigido sobre um assunto seja em grande medida negociável e flexível.

A imprecisão da informação é uma realidade que precisa ser encarada não apenas pelos veículos de comunicação, pelas empresas de tecnologias, mas por toda a sociedade. Se a crise da democracia ocidental é a crise do jornalismo, como afirmou Walter Lippmann, e a comunicação, o nome que definiria e organizaria o conjunto das práticas na realidade sociotécnica atual, a possível solução para o problema informacional devem emergir, sobretudo, no campo acadêmico que lida com estas matérias e questões de forma profunda. Cabe a cada pesquisador da área, portanto, responsabilizar-se na proposição de discussões sobre a necessidade da precisão da informação, que em tempos atrás se deu por meio da utilização da observação de critérios científicos na apuração de novos fatos, e que no cenário contemporâneo parece sinalizar como algo dentro da abordagem e compreensão do mundo por uma experiência coletiva e plural.

Referências

- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, vol. 31, p. 211–236, 2017.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur. Desinformação e Circulação de “Fake News”: Distinções, Diagnóstico e Reação. 2018. **XX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib)** [...]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 15.
- BRISOLA, Anna; DOYLE, Andréa. Critical Information Literacy as a Path to Resist “Fake News”: Understanding Disinformation as the Root Problem. **Open Information Science**, vol. 3, p. 274–286, 2019.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- FINN, Ed. **What Algorithms Want: Imagination in the Age of Computing**. Cambridge: The MIT Press, 2017.
- GILLESPIE, Tarleton. The Relevance of Algorithms. In: **Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society**. Cambridge, Londres: MIT Press, 2014. p. 167–194.
- GOMES, Wilson; FERNANDES, Breno; REIS, Lucas; SILVA, Tarcizio. “Politics 2.0”: Barack Obama’s on-line 2008 campaign. **Revista de Sociologia e Política**, vol. 17, no. 34, p. 29–43, 2009.

GÓMEZ, Maria Nélide González de. Escopo e Abrangência da Ciência da Informação e a PósGraduação na Área: Anotações para uma Reflexão. **Transinformação**, Campinas, vol. 15, no. 1, p. 31–43, 2003.

_____. Regime de Informação: Construção de um Conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, vol. 22, no. 3, p. 43–60, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma Categoria da Sociedade Burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Spreadable Media: Creating Value and Meaning in a Networked Culture**. Nova Iorque, Londres: New York University Press, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARANON, Eduardo. A Crise na Informação. **Transinformação**, vol. 6, no. 1-3, p. 15–21, jan./dez., 1994.

MARTINO, Luiz. De Qual Comunicação Estamos Falando? *In*: HOHLFELDT, A.; MARTINO, M.; FRANÇA, V. **Teorias das Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MARTINS, Moisés. Comunicação e cidadania. 2007. *In*: 5º Congresso da SOPCOM. V **Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação [...]**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho), 2007. p. 19–25.

MEYER, Philip. **Periodismo de Precisión: Nuevas Fronteras para la Investigación Periodística**. Barcelona: Bosch, 1993.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: Origem, Evolução e Relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, vol. 1, no. 1, p. 41–62, 1996.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos A Notícia: Uma História Social dos Jornais Americanos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede**. Petrópolis: Vozes, 2010.